

O ESGARÇAMENTO DO LAÇO SOCIAL: O CHEIRO QUE AFETA¹

2

THE OPENING OF THE SOCIAL BOND: THE SMELL THAT AFFECTS

DALTOÉ, Andréia da Silva

Doutora em Letras (2011) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Líder do Grupo de Pesquisa Relações de Poder, Esquecimento e Memória (GREPEM- CNPq/UNISUL) e do Coletivo Pró-Educação (Tubarão/SC); Integrante do Grupo de Estudos Pecheutianos (GEP-CNPq/Unipampa).

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPGCL da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

Email: andreiadaltoe@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8370-6441>

SILVA, Dâmaris de Oliveira Batista da

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPGCL da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.

Email: damarisobs@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4500-8052>

RESUMO

Situando-nos no terreno da Análise de Discurso de linha materialista, buscamos investigar, neste trabalho, se o discurso de ódio dirigido ao outro pode ser pensado como sintoma da angústia no campo da linguagem e da Psicanálise e, ainda, em que medida este discurso passaria a ser potencializado/gerido pelas relações de poder que nos governam. Para tanto, aproveitamo-nos das relações de vizinhança já estabelecidas entre Psicanálise e Análise de Discurso por meio da proximidade teórica que, na segunda metade do século XX, Althusser estabeleceu com Lacan e Freud, reverberando no legado da teoria do discurso inaugurada por Michel Pêcheux. Como materialidade de análise, trazemos o episódio de uma manifestação de profissionais da saúde em frente ao Palácio do Planalto no início da Pandemia de Covid-19 em 2020, de onde recortamos a cena em que uma senhora, contra o ato, interpela uma das manifestantes.

Palavras-chave: Discurso de ódio; angústia; cheiro como sintoma; gestão do Estado.

¹ Este texto é resultado de uma pesquisa bastante inicial, mas consideramos que já delinea o caminho de uma leitura possível sobre questões que têm nos inquietado.

ABSTRACT

Placing ourselves in the field of Materialist Discourse Analysis, we seek to investigate, in this research, if the hate speech directed to the other can be thought as a symptom of anguish in language and Psychoanalysis areas and, also, to what extent this discourse would be enhanced/managed by the power relations that contain us. In order to do so, we take advantage of the neighborhood relations already established between Psychoanalysis and Discourse Analysis through the theoretical proximity that, in the second half of the 20th century, Althusser established with Lacan and Freud, reverberating in the legacy of the discourse theory inaugurated by Michel Pêcheux. As a materiality of analysis, we bring the episode of a demonstration of health professionals in front of Planalto Palace at the beginning of Covid-19 Pandemic, in 2020, from which we cut the scene that a lady, against the act, approaches one of the protesters.

Keywords: Hate speech; anguish; smell as a symptom; state Management.

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

Convoco o cheiro, a polpa sensitiva
Dos dedos curiosos e da boca,
Convoco a cor dos olhos, e os cabelos,
E o lume que neles há, e a voz rouca.
Convoco o grito, o espanto e o tremor,
O corpo recurvado, a violência,
O suor que arrefece, e o sorriso
Que te cobre de paz e inocência.
Reúno estas memórias. No meu sangue
As infundo e converto como brasas,
E ardo, violento: assim, ao vento,
Ardem de lés a lés searas rasas.
Saramago, 1985.

Para a Psicanálise, nas palavras de Rivera (2005, p. 82), o corpo é um texto – um texto-imagem composto de marcas de prazer e de sofrimento. Para a Análise de Discurso (AD), palavras de Leandro-Ferreira (2015, p. 15, 22):

[...] corpo é tanto discurso, como forma de subjetivação
[...] determinado por novas formas de assujeitamento
e, portanto, associado à noção de ideologia [...] como

dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas condições de produção, sua historicidade e a cultura que o constituem.

Corpo como texto, corpo como discurso. O dentro-fora da fita de Möbius nos ajudando a pensar o real do corpo, assim como o real da língua de acordo com Leandro-Ferreira (2013, p. 131): o registro do real, “o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste. [...] apesar de resistir à simbolização, ele comparece no simbólico sob a forma da falta de um significante”.

Numa interlocução entre a AD de linha materialista, lugar teórico-analítico ao qual nos filiamos, e a Psicanálise, cujas relações de vizinhança já foram incentivadas por Althusser e Pêcheux em suas incursões teóricas a Lacan e Freud na segunda metade do século XX, queremos pensar, neste trabalho, o corpo enquanto materialidade significativa a partir do qual possamos ler sua forma de sofrimento em relação ao outro no campo do político, reverberada, como temos visto tanto, em discurso de ódio. Neste esgarçamento do laço social, a questão que nos interpela é se o discurso de ódio dirigido ao outro pode ser pensado como sintoma da angústia no campo da linguagem e da Psicanálise e, ainda, em que medida este discurso passa a ser potencializado/gerido pelas relações de poder que nos governam.

Nosso debate prevê, portanto, uma reflexão sobre a relação interpessoal entre eu/outro, mas também sobre nossa própria constituição no campo da alteridade. Afinal, conforme Leandro-Ferreira (2013, p. 20), somos “Um corpo-objeto à mercê do olhar e do querer do outro”, uma relação de dependência que se dá na forma de estranhamento e mesmo negação; e, conforme Rivera (2005, p. 15), “O eu se vê como distinto do outro, mas pode eventualmente rever esta posição, sendo assaltado por uma inquietante estranheza – o que mostra que coexistem nele correntes divergentes, lado a lado [...]”. Estamos diante, ainda em Rivera, da *co-fusão* entre o eu e o outro: um outro que me devolve algo que é tão meu e me é estranho, como o espelho do trem que devolveu a Freud ([1919] 2019) sua imagem sem que ele se reconhecesse ali: um estranho familiar.

Se, conforme o Psicanalista Nelson da Silva Jr. (2021), Freud não compreende qualquer patologia desligada da organização social e política que a produza, autorizamo-nos aqui a perguntar sobre o sofrimento do sujeito no campo do social diante daquele que lhe devolve uma (in) diferença da ordem do insuportável: como entender este estranhamento,

emaranhado em nossa própria constituição e que nos faz sofrer de forma tamanha a ponto de uma repulsa ou mesmo fuga?

Trata-se de uma investida teórico-analítica que procura dar conta de nossa própria angústia, enquanto pesquisadoras do discurso, diante da proliferação do discurso de ódio como elemento norteador da cena discursiva da política, como aqui objetivamos investigar. E, na tentativa de compreender estas questões, recuperamos a manifestação que profissionais da saúde fizeram em frente ao Palácio do Planalto no dia 1º de maio de 2020, em Brasília/DF, denunciando as mortes por Covid-19 (à época, 20 mil mortos) e os desafios da categoria naquele momento:



Foto 1: Scarlett Rocha / Mídia NINJA.²

Profissionais da saúde, vestidos de branco, segurando uma cruz e em silêncio, reivindicavam melhores condições de trabalho e alertavam para o perigo que se anunciava e que mais tarde conheceríamos bem... O silêncio, porém, é rompido por um pequeno grupo com bandeira do Brasil nas costas. Dentre eles, um senhor agride uma das enfermeiras, chamando a todos de “analfabetos funcionais”, e uma senhora de verde e amarelo, Foto 2 a seguir, gesticula no ar falando alto: “Vocês querem uma passagem pra Venezuela e pra Cuba? Nós te damos [...]. Depois, dirige-se especificamente a uma das manifestantes e diz: “sinto o cheiro da sua pessoa, que não toma banho direito. Esse cheiro que não passa um perfume. A gente entende quem você é”³:

² Disponível em: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1841281646029972/>> Acesso em 23/04/2022.

³ Disponível em: <https://www.sintrajud.org.br/agressoes-a-enfermeiras-e-jornalistas-em-ato-por-vitimas-da-covid-19-no-1o-de-maio-e-neste-domingo-mostram-pais-doente/>> Acesso em: 20 out. 2022.



Foto 2: Scarlett Rocha / Mídia NINJA ⁴.

É sobre a materialidade significativa desta última fala que nos debruçamos, lançando mão de questões teóricas que possam nos ajudar a compreender melhor o que aí se realiza nas/pelas palavras e configura o que estamos considerando como discurso de ódio a partir de Butler (2021, p. 23): “A linguagem opressiva não é um substituto da experiência da violência. Ela coloca em ação sua própria forma de violência”. É a linguagem que machuca, mas não por ela mesma, e sim pelo modo como é determinada pelo inconsciente, pela ideologia, pelas condições de produção e relações de poder que a colocam em jogo.

Por esta via, objetivamos dar consequência à contribuição de Dunker (2022), segundo o qual a questão dos afetos (desamparo, medo, piedade, ódio), assim como desejos e economias libidinais são assuntos que interessam tanto a política quanto à Psicanálise, e acrescentamos, ao discurso, principalmente porque, também conforme o autor, “A palavra e a democracia se veem ameaçadas neste momento no Brasil” (2022, p. 27).

1. O QUE O OUTRO NOS DEVOLVE DO INSUPORTÁVEL

Não é privilégio deste tempo, mas temos sido tomados por cenas de intolerância e de divisão que, em muito, têm demarcado a cena política atual: um ódio que mistura diferenças partidário-ideológicas com racismo, sexismo, homofobia, misoginia, antissemitismo, negação ao estrangeiro e outras formas de intolerância social. Questões estas, para nós, não dissociadas do modo como as democracias têm sido ameaçadas por uma plataforma política, que, nas palavras de Schwarcz

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1841281646029972/>> Acesso em: 23 abr. 2022.

(2019, p. 214), joga com a divisão e explora o preconceito em vez de respeitar as diferenças de opiniões, crenças, valores, orientação sexual, etc.

Para a autora, tudo isso tem raiz em nosso passado, mas “o que eram antes manifestações recônditas e apenas furtiva, agora viraram ocasiões para o orgulho e a autocelebração” (2019, p. 215). Vejamos a cena de maio de 2021, quando, numa aula inaugural da escola cívico-militar no Rio de Janeiro, gritava o oficial para os alunos repetirem em coro: “Nós somos nós; o resto é o resto”. Ou seja, não há nada para esconder quando a lógica neoliberal individualista e segregacionista integra uma forma de subjetivação necessária para a formação social que lhe interessa.

Sob o âlibi de que somos livres e iguais, as diferenças são engolidas, apagadas, ignoradas, afinal, trazendo Rancière (1996, p. 22), haverá sempre a parcela dos incontados, os *sem-parcela*:

[...] a política não se ocupa dos vínculos entre os indivíduos, nem das relações entre os indivíduos e a comunidade, ela é da alçada de uma contagem das ‘partes’ da comunidade, contagem que é sempre uma falsa contagem, uma dupla contagem ou um erro na contagem.

É por isso que, para Silva Jr. (2021, p. 259), o neoliberalismo não é apenas uma teoria ou política econômica, mas uma racionalidade política que impõe a lógica do capital até convertê-la na forma das subjetividades e na norma das existências, produzindo um sujeito, com valores morais e formas de sociabilidade adequados a ela. Processo este que, em AD, tratamos como trabalho de individuação do Estado (ORLANDI, 2012, p. 217): o sujeito totalmente responsável por suas ações, tomado enquanto indivíduo, aquele que não se divide, origem de si mesmo, autônomo em relação à língua e à sua própria vida.

Este sujeito produzido pela formação discursiva capitalista-neoliberal está intrinsecamente ligado ao ideal de liberdade, mas não como independência comportamental, poder sobre a própria vida – embora seja com isso que se jogue. É a liberdade de que fala Althusser: “o indivíduo é interpelado como sujeito [livre] para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto [livremente] sua submissão” (apud PÊCHEUX, 1988, p. 133, grifo do autor). Desse modo, “Somos iguais perante a lei” é a mais pura forma da ilusão que nos toma enquanto sujeitos de direito, embora alertados por Pêcheux (1988, p. 27) de que,

para o direito burguês, “todos os homens são iguais, mas há alguns que o são mais que outros”.

Estamos diante da “cultura da liberdade individual impermeável à alteridade”, palavras de Silva Jr. (2021, p. 277), fazendo com que, no neoliberalismo, a agressividade, a crueldade, seja legitimada pelo pacto social em jogo. Sendo livre, posso reivindicar meu direito de não usar máscara, por exemplo, como aconteceu num caso levado à Justiça em Criciúma/SC quando o protocolo contra a Covid ainda estava em vigor. Ou que mal haveria em andar pelo shopping com uma suástica no braço, como fez um garoto em Caruaru/PE em junho de 2022? Não é meu direito à livre expressão? Por que lei de cotas se somos iguais? Como vemos, a ideia de totalidade, igualdade e liberdade é bastante eficaz para nos dividir ao mesmo tempo em que, superficialmente, produz o efeito de seu contrário.

É destas condições de produção que recortamos a angústia da nossa materialidade de análise: uma angústia em relação ao que é diferente de mim, que é negro, que é mulher, que é judeu, que é pobre, que é homossexual, que pensa diferente... Consideramos que há algo da ordem do psiquismo de cada um que repele o outro que não reconheço como sujeito, ou que não reconheço naquilo que ele devolve de mim, afinal, conforme Coracini (2007, p. 59), seja pela via da psicanálise lacaniana e das teorias do discurso, o outro nos constitui assim como constitui nosso discurso, num espaço híbrido de subjetividade. Para a autora, não estamos preparados para lidar com a heterogeneidade que nos constitui e que constitui todo sujeito, isto é:

[...] não estamos preparados para enfrentar a alteridade, no sentido lacaniano de que, sempre e inevitavelmente, nos vemos no espelho do olhar do outro: outro que sou eu e eu que é um outro [...], outro que me habita, que está dentro de mim, que me perturba de dentro e não de fora, ou melhor, de dentro e de fora, de um fora que é dentro. (2007, p. 157).

Parece que há um ganho psíquico quando esta dificuldade de alteridade se reverbera em ódio, encontra vazão aí, mas nos interessa pensar ainda no modo como parece haver um ganho também no campo do político quando se tira proveito disso para a quebra do laço social. Se as políticas neoliberais encontram seu esgotamento nos argumentos do “bem para todos”, é necessário pensar outras formas, nas palavras de

Gadet e Pêcheux (2004, p. 115), de gestão discursiva do Estado capitalista moderno, que, segundo os autores, vai nos “administrando os bens e as dores, a vida e a morte, o trabalho forçado e o desemprego organizado [...] o delírio desprovido de sentido”: uma gestão a distância, que, em Pêcheux (2006, p. 30), vai marcar os indivíduos, classificá-los, vigiá-los, conformá-los ao seu lugar social, levá-los à guerra e lhes fazer filhos... Estas formas de nos governar encontram uma pergunta decisiva em Butler (2021, p. 233): “como as normas que governam o discurso vêm habitar o corpo? Além disso como as normas que produzem e regulam o sujeito do discurso também habitam e elaboram a vida corporal do sujeito?”.

Não se trata de uma questão que implique necessariamente uma resposta pontual, dada sua força enquanto problematização que precisa ficar nos incomodando e reverberando como reflexão do social. De qualquer forma, parece que, sob o controle dos corpos distribuídos em sociedade, quanto mais o sofrimento social for individualizado, mais as pessoas se tornam indiferentes ao outro, às dores do outro, e menos questionam as formas de gestão do político, do econômico, de sua própria subjetividade pelo Estado. Eis, segundo Silva Jr. (2021, p. 277), a relação entre o pacto social do discurso neoliberal e as novas formas de violência, marcadas pela gratuidade do mal, que têm pontuado nossa história, como vemos no caso que trazemos em análise.

2. O INSUPOORTÁVEL DE SENTIR NO/DO OUTRO

Voltamos à cena discursiva da manifestação dos profissionais da saúde em relação à Pandemia Covid-19: o evento acontece na Praça que abriga o Palácio do Planalto (Poder Executivo), o Congresso Nacional (Poder Legislativo) e o Supremo Tribunal Federal (Poder Judiciário). Três poderes, cada qual investido de responsabilidades e limites. Este espaço público, em tese espaço do político e do diálogo, ladeado pela representação arquitetônica que atesta a distribuição dos poderes, torna-se o cenário para uma ocupação e reivindicação que significam em silêncio: era em nome da categoria, mas também em nome de todos os brasileiros que se sentiam atingidos pela tragédia da Covid-19 até aquele momento.

Dedo na cara, desrespeito à distância necessária demarcada como protocolo contra a Covid, gritos, xingamentos, provocação para a briga... e a resposta dos enfermeiros era o silêncio e a cruz. Como o silêncio, conforme Orlandi (2007), não é vazio nem ausência de sentido – é excesso, é revolta –, o silêncio do protesto grita e é insuportável para

aquele casal que vociferava andando de lá para cá em desespero. É este silêncio saturado de sentidos que é rompido pela senhora da Foto 2, gesticulando no ar e gritando com a bandeira em punho, como quem, desesperadamente, precisa colocar som e palavras naquele espaço para aliviar sua raiva. E, na tentativa de acabar com um silêncio, impõe um outro, o silêncio da censura, que, segundo a autora (2007, p. 107), “não significa ausência de informação mas interdição”.

Como nos traz Butler (2021, p. 25), “falar é em si mesmo um ato corporal”, e senhora se impõe diante de uma das profissionais da saúde: em olhar, palavras, timbre e ombros. O ritmo da fala é interrompido, porém. Um gesto. O olhar se dirige ao outro. O dedo indicador aponta para o corpo da manifestante e faz um movimento de ir até o nariz, desenhando o movimento do cheiro que rescende de um corpo e adentra ao outro e por este é significado. Neste momento, ela diz: *“sinto o cheiro da sua pessoa, que não toma banho direito. Esse cheiro que não passa um perfume. A gente entende quem você é”*. A mulher de verde e amarelo poderia ter tomado distância, frente ao cheiro que, para ela, seria insuportável: *“que não toma banho direito”*. Mas o que faz? Volta, circula e traz outra pessoa para sentir o mesmo cheiro e provar, pela via do corpo biológico, que estava certa, insistindo nas mesmas palavras. Pelo cheiro, o discurso de ódio encontra sua função interpelativa, que, nas palavras de Butler (2021, p. 48), “produz ferimentos no e ao longo do momento da fala” enquanto convoca o outro para este espaço de litígio.

Segundo Jorge (2017), Freud aborda a angústia por meio de duas teorias. Na primeira, a angústia é abordada sob um ponto de vista econômico. Ou seja, “uma grande quantidade de energia sexual (libido) que invadiu o sujeito, de um grande acréscimo de excitação que se aliviaria precisamente por meio da descarga sexual” (2017, p. 200), mas esta foi interrompida, fazendo advir a angústia. A segunda teoria aborda a angústia como um “sinal de alarme, motivado pela necessidade de o eu se defender diante da iminência de um perigo. [...] ligada à perda e à separação” (2017, 200).

Não sabemos de que angústia exatamente se trata no caso em análise, mas parece ser algo da ordem do insuportável paradoxo de sentir/não sentir, reconhecer-se/não se reconhecer neste outro. Talvez, segundo Freud (apud FRANCO; COSTA et al, 2018, p. 268), estamos diante de um sujeito paranoico que projeta para fora, sobre outros, o que não quer perceber em sua própria interioridade. E acrescentamos, daí

inspirados no jogo de palavras da Psicanalista Tânia Rivera (2005, p. 15): nesta *co-fusão* entre o eu e o outro, eu me vejo *des-figurado*.

No texto Teoria geral das neuroses, capítulo sobre Angústia, Freud (2014) recupera o radical de *angst* [angústia] que, no latim, dá corpo a angustia e [aperto], para dizer do estreitamento da respiração no ato do nascimento e diz: “estamos convencidos de que a disposição de repetir aquele primeiro estado de angústia foi tão incorporada ao organismo por uma série de incontáveis gerações que nenhum indivíduo logra escapar deste afeto de angústia [...]”, no caso, ligado à própria respiração.

No Palácio do Planalto, temos a inibição aqui entendida como uma limitação do diálogo, uma impossibilidade de conversar com o outro que pensa diferente – uma inibição erigida e imposta pelo ego para não se deparar com a angústia. Um espaço público, arquitetonicamente planejado para ser lugar do diálogo entre poderes, a manifestação silenciosa é censurada. A alusão ao tema da manifestação é inibida, dela a senhora (foto 2) não consegue falar. Interrompe e alude ao cheiro do corpo. Corpo-cheiro posto em cena no espaço público do debate. Corpo em protesto via um silêncio que fala capturado por um outro, que lhe nega e devolve como um corpo que cheira. Corpo inserido em um lugar simbólico que o exclui. Sentidos que excluem este corpo fragrante.

No campo da linguagem, a disputa aparece entre quem diz que a Pandemia é grave e quem a nega, mas, como a língua é sempre precária e apenas faz borda segundo Mariani (2017, p. 38), entendemos que há mais do sujeito neste grito que escapa à possibilidade de ser simbolizado, mas que permanece produzindo efeitos. Daí o papel da AD em propor pensar a opacidade, a equivocidade que atravessa e constitui o dizer: “sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro” (PÉCHEUX, 2011, p. 291).

De todos os sentidos que explodem na fala daquela senhora, é a alusão ao cheiro que nos chama a atenção e pode nos servir de pista deste esgarçamento do laço social: o cheiro de pobre, de comunista, de gente que não entende de política, essa gente que não toma banho direito, que fede, que é “analfabeto funcional”...

O mercado já sabe bem explorar isso. Em consulta à plataforma de vídeos Youtube, buscando por “cheiro de pobre”, nos deparamos com a publicação de dezenas de vídeos de resenhistas apresentadores de perfumes. Títulos como “Perfumes de pobre com cheiro de rica”, “Perfumes com cheiro de rica, onde o pobre é mais feliz”, “Perfumes com cheiro de rica e com preço de pobre”, “7 perfumes com cheiro

de rica”, estes últimos, por exemplo, com um milhão e novecentas mil visualizações até abril de 2022.

Cheiro como um sinal de pertencimento a uma classe. O usar um perfume como possibilidade de negar seu lugar social e ascender a outro, parecer como integrante de um outro lugar. Perfume como um recurso para que o outro o sinta como integrante, pertencente de um lugar mais aprazível, em rejeição à suposta pobreza. Perfume, palavra composta por *per*, através de, e *fumum*, fumaça (ORIGEM DA PALAVRA, 2022) ⁵.

Em diversas culturas, desde há milhares de anos, através da fumaça o ser humano entregava oferendas, aproximava-se dos deuses. Fumaça, cheiros, incensos como instrumento para se fazer chegar a um lugar transcendental. Acheigar-se aos deuses, entregar suas demandas e gratidão. Se noutros tempos, perfume como meio para chegar aos deuses à espera de ter o milagre alcançado, como podemos ler este esgarçamento do laço que repugna, distancia, expelle o outro pelo cheiro de pobre que fede? Como podemos ler estes milhares que visualizam, curtem, consomem produtos para que, por meio destes, possam parecer o que não são, pertencer a um outro lugar e à outra classe?

Estudos de Jorge (2005, p. 54) sobre o olfato atestam a eloquência do vínculo deste com a experiência afetiva – o que pode nos ajudar a pensar a angústia daquela senhora que, pelo insuportável do cheiro, fala do insuportável em lidar com alteridade. O cheiro aparece como impedimento do convívio. Todavia, talvez o diálogo seria igualmente insuportável no campo das divergências de opinião política. A angústia de um não saber dialogar politicamente o tema pandêmico a fez voltar ao corpo, mal sabendo que, ao evitar este exercício, parar, inspirar e voltar-se ao corpo (em) fragrante, escancara que a não aceitação do que pensa diferente fala do seu ódio a uma determinada parcela da população.

Como seres constituídos em sujeito pela íntima dependência do laço com o outro, pensamos que o discurso capitalista-neoliberal, que valoriza as pessoas pela posse, classe e consumo, está a surtir efeito quando milhares transmutam o cheiro dos seus corpos para atender a essa expectativa, qual seja, o de ser aceito na sociedade do consumo, o de pertencer a uma classe que cheira a perfume e não a suor. Suor que atesta condições inadequadas de moradia, transporte público, trabalho forçado; suor que sinaliza não acesso a direitos básicos como água potável para se alimentar e higienizar; suor que atesta a jornada dupla, tripla, além da doméstica, decorrente da precarização do mundo

⁵ Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/artigo/perfumes/> Acesso em: 20 abr. 2022.

do trabalho. *Per fumum*, através do cheiro, há significados? Nesta trama da Praça dos Três poderes, neste clicar, curtir e comentar por milhares de vezes nos vídeos tutoriais, pensamos que o cheiro dos corpos está alienado, também capturado pela lógica do consumo, do parecer para pertencer a uma classe com seus privilégios.

Todavia, o cheiro da manifestante é impossível de ser negado. Irmão da respiração, o sentir o cheiro invade as narinas e o corpo daquela senhora de bandeira em punho, não pode ser contido sob pena de fazê-la morrer do próprio ódio. Jorge (2005), em estudo sobre as pulsões, destaca que, na língua portuguesa, o verbo que utilizamos para falar do olfato é o sentir, ao que o autor atesta “[...] é, decerto, bastante significativo dessa proximidade entre os odores e os sentidos” (2005, p. 54). A mulher de verde-amarelo, para manter a própria vida, no ato de respirar, inala o cheiro do outro. Queria expulsá-lo pela fala, poderia fechar os olhos para não ver, mas não se pode fechar o orifício do nariz... e ela respira enquanto odeia.

ALGUNS APONTAMENTOS PARA UM EFEITO DE PONTO FINAL...

Para Silva Jr. (2016)⁶, há algo no comportamento repetitivo, no fracasso, no que não dá certo, que guarda mais verdade do sujeito que ele possa imaginar. Este algo, desde que seja dito, integrado, significado, é revolucionário. De modo aproximado, os problemas da sociedade podem ser vistos apenas como mero obstáculos para a felicidade do sujeito, mas também podem ser reveladores e terem um efeito revolucionário, transformador. É isso que se precisa gerir socialmente, a fim de conter qualquer sujeito que, enlaçado em coletividade ou imbuído do bem comum, reivindique, questione, demande por força de justiça seus direitos, a correção das injustiças. É preciso, portanto, gerir os indivíduos e isso, sem dúvida, passa por gerir suas formas de sofrimento, seu corpo, dando-lhes remédios ou calando-os.

Assim, há todo um trabalho de propaganda pelo discurso e pela prática política que vai procurar calar as vozes dissonantes e responder a uma estrutura social que visa a interesses de uma minoria para a qual quanto mais desagregação, quebra do laço social, melhor. Se há sofrimento nisso, ele passa a ser canalizado para o uns contra os outros, enquanto a esfera das decisões políticas fica preservada, tirando proveito, segundo Aubert e Haroche (2013, p. 51), da:

⁶ Em: https://www.youtube.com/watch?v=2_AmRJOYpGI> Acesso em: 10 ago. 2021.

[...] a explosão de violência e crueldade, igualmente espalhadas na sociedade contemporânea em altas porcentagens e com importantes repercussões e inúmeras consequências, indicam o quanto o sujeito tem tendência a uma agressividade preocupante e perigosa, na tentativa de se livrar da injunção paralisante causada pelo olhar do outro.

Parece-nos que tudo isso vem sendo pontencializado, otimizado, canalizado em função da tão necessária sobrevivência do neoliberalismo antes que sucumba, o que, por fim, justificará, segundo Safatle (2021, p. 29), “toda forma de intervenção violenta contra tendências contrárias”. Desse modo, também para o autor (2021, p. 32), diante da ausência de solidariedade, exploração dos desfavorecidos, destruição ambiental e objetivos monopolistas, toda essa violência pede uma justificação política, que “precisa se consolidar em uma vida social na qual toda figura da solidariedade genérica seja destruída, na qual o medo do outro como invasor potencial seja elevado a afeto central, na qual a exploração colonial seja a regra”. Após nossa análise, podemos dizer que o discurso de ódio, hoje tão aclamado no campo do político, vem responder à justificativa necessária de que fala Safatle (2021), cabendo-nos, daí conforme Pêcheux (1988) expô-lo às suas contradições e opacidade.

Ou seja, se são estas as condições do político atualmente, joguemos com suas próprias regras para fazer ver justamente o que se quer mascarado: a luta de classes e o silenciamento aí produzido. E ainda, se, conforme Butler (2021), a palavra que interpela um indivíduo pode tanto subordiná-lo como capacitá-lo, precisamos lembrar que:

A palavra que machuca se torna um instrumento de resistência na reorganização que destrói o território em que ela opera anteriormente. Tal reorganização significa falar palavras sem autorização prévia e colocar em risco a segurança da vida linguística, o sentido do nosso lugar na linguagem e o fato de que nossas palavras fazem o que nós dizemos. (2021, p. 267).

Para a autora (2021, p. 267), trata-se de lutar contra o discurso de ódio com um “discurso insurrecionário”, o que não significa necessariamente usar outras palavras, mas responder à linguagem injuriosa numa “repetição na linguagem que impõe mudança”.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine. **Tiranias da visibilidade**: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- CORACINI, Maria José. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- DUNKER, Christian. **Lacan e a Democracia**. São Paulo: Boitempo, 2022.
- FRANCO, F.; COSTA, V. H. et al. **Paranoia**: clínica e crítica. In: SAFATLE, W.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Patologias do Social**: arqueologias do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, Sigmund. **O infamiliar**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A Língua Inatingível**: o discurso na história da linguística. Campinas: Pontes, 2004.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: as bases conceituais. Vol 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: de Freud a Lacan. Vol 3. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- LEANDRO-FERREIRA, M. Cristina. **Discurso**: conceitos em movimento. In: LEANDRO-FERREIRA, M. Cristina (Org.). **Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento**. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- LEANDRO-FERREIRA, M. Cristina. Discurso, arte e sujeito e a tessitura da linguagem. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M. C. MITTMANN, S. (Orgs.) **O Acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.
- MARIANI, Bethania. (In)dizível, in(dizível), in(visível): linguística, análise de discurso, psicanálise. In: MARIANI, B.; MOREIRA, C. B. (orgs.). **Indizível, imperceptível e ininteligível**: o sujeito contemporâneo e seus arquivos. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.
- ORLANDI, Eni. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni. P. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1988.

RIVERA, Tania. **Guimarães Rosa e a Psicanálise**: ensaios sobre imagem e escrita. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SARAMAGO, José. **Provavelmente alegria**. Poesia. Alfragide/PT: Editora Caminho, 1985.

SAFATLE, W. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, W.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SILVA JUNIOR, Nelson da. O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: do “Pacto edípico e pacto social, de Hélio Pellegrino, ai “E daí?”, de Jair Bolsonaro. In: SAFATLE, W.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Recebido – 11/06/2022

Aceite – 20/06/2022